

Prologo

Conquanto se use da palavra
amor, para significar qualquer
imacção affectiva, passional ou
instructiva; não obstante isto,
já deviamos usar desta palavra
para exprimir o affecto que
nos vem pela intelligencia e
consciência. Porquanto é este o cara-
cteristica do amor humano,
com o qual, elle se identificaria
com a inclinação que o ani-
mal sente para com o animal.
E se é este por dar material, da-
mas o nome de amor, é porque
tambem elle tende á união,
ainda que instructiva e material.

LM 0101

A VIDA DE EMOÇÕES

Prólogo 1

Cap.I- Sobre a gênese do afeto 2

Cap.II- Sobre a psicologia do amor 4

Cap.III- Sobre as leis que regem os fenômenos da vida de emoção 7

Cap.IV- Tendências da vontade 9

Cap.V- Sobre o amor natural 11

Cap. VI- Transição do amor espiritual para o amor natural 12

Cap. VII- Transição do amor natural para o instintivo 13

Cap. VIII- Sobre o amor instintivo 14

Cap. IX- (1) Diferença no amor instintivo do homem e do animal.

Cap. IX- (2) Sobre o amor conjugal 16

Cap. X- (1) O amor propriamente falando não cogita o sexo 17

Cap. IX- (3) Sobre o amor platônico 20

Cap. X- (2) Ilusão dos que buscam felicidade no matrimônio 22

Cap. XI Um engano remediável 23

Cap. XII- Sobre as manifestações afetuosas 26

Prólogo

Conquanto se use da palavra amor para significar qualquer emoção afetiva, passional ou instintiva, não obstante isto, só deveríamos usar desta palavra para exprimir o afeto que nos vem pela inteligência e o coração. Porquanto é esta a característica do amor humano, sem o qual, ele se identificaria com a inclinação que o animal sente para com o animal.

E se é este o pendor material, damos o nome de amor, é porque também ele tende à união, ainda que instintiva e material. Não obstante isto, não entendemos tratando das emoções das nossas almas, ocupar-nos diretamente deste amor; muito embora as suas tendências possam traduzir-se a seu modo, na unidade da personalidade humana, principalmente quando nos referimos ao amor passional.

E é por este motivo que usamos das expressões de amor instintivo ou natural, de amor espiritual ou angélico, de amor platônico ou mórbido de amor passional ou conjugal, afim de que referindo-nos à estas raridades de afetos, não se confunda o amor humano propriamente dito, com o falso, o instintivo ou angélico.

Cap.1 - Sobre a gênese do afeto

A inteligência tende primariamente ao verdadeiro, ao bom e ao perfeito absoluto e em segundo lugar ao verdadeiro, ao bom e ao perfeito relativo; isto é, as criaturas, por isso mesmo que elas são como reflexo do verdadeiro do bom e do perfeito absoluto.

Ora sendo o amor o primeiro ato da vontade todos os provimentos produzidos pelo apetite intelectual pressupõe necessariamente o amor, o qual é a raiz ou a causa desses movimentos aos quais damos o nome de amor. Assim como às modificações orgânicas produzidas pelo apetite sensitivo denominamos paixões; que pelo fato de se referirem ao homem não as atribuímos somente à alma ou ao corpo, senão ao composto humano, isto é, ao homem.

Ora, assim como os movimentos de nossas almas encontram os seus correlativos no físico; assim também as modificações orgânicas que se dão ao nosso físico, isto é, as paixões encontram seus correlativos em nossas almas.

Pelo que deduzimos que as paixões se referem ao amor, como ao seu princípio, e o amor à alma que é o primeiro princípio da vida e atividade do ser humano e dos conhecimentos que lhe vêm pela inteligência, os quais movendo a vontade a inclina de preferência, a este ou aquele objeto.

Assim é que onde houver vontade há de haver necessariamente amor, e onde houver amor, há de manifestar-se, com o tempo o amor passional. Pois assim como os movimentos de nossas almas constituem o amor espiritual; assim também como as modificações do nosso físico, produzidos pelas paixões constituem; não já o amor, senão as paixões, isto é, os sofrimentos do amor ou provenientes do amor.

Porque se o objeto que provocou que estes movimentos afetuosos são capazes, por graça ou natureza, de produzir estas modificações orgânicas, teremos o amor sem paixão, um amor semelhante aquele com o qual os anjos se amam e nós amamos nossos pais.

Capítulo II - Sobre a psicologia do amor

O sujeito do apetite sensitivo é o comportamento humano; isto é, a alma e o corpo substancialmente unidos. E o sujeito do intelectual ou da vontade é a alma humana.

Ora as operações do apetite sensitivo não podem ser exercidas sem uma modificação material dos órgãos correspondentes a elas, ainda que na alma resida o principio, em virtude de qual, nos sentimos inclinados a este ou aquele objeto.

Não acontece assim em relação a vontade, porque ainda sem o consenso dos órgãos sensitivos, os atos que lhe correspondem, podem ser exercidos, porquanto o seu sujeito reside na alma ou por outra, é a mesma alma.

O apetite sensitivo se manifesta pelo concupiscível e o irascível. E é em virtude do concupiscível que afagamos o que nos é útil e agradável, e é devido ao irascível que agimos e reagimos contra tudo aquilo se opõe ao nosso bem estar, é aquisição e a conservação dos seus objetos correspondentes.

Todos estes atos que representam o objeto do apetite sensitivo, podem também formar indiretamente o objeto do apetite intelectual com a diferença, porém, que os atos do apetite sensitivo são exercidas com uma certa modificação dos órgãos correspondentes a estas modificações ou sensações as quais acima dissemos, constituem as paixões.

Não se dá o mesmo com os atos que se referem ao apetite intelectual, porque podemos exercê-los sem o concurso dos órgãos sensitivos. Os atos do apetite intelectual podem ser exercidos com relação ao fim ou aos meios que propõem para atingi-lo. No primeiro caso eles tem por objeto o amor, o desejo e o gozo, no segundo eles se referem à escolha e a seleção dos meios.

Além disto é preciso termos em mente que em todos os fins subordinados está sempre compreendido o fim último ou o primário, isto é, o que constitui o objeto da felicidade real e sobrenatural do homem.

Assim é que quando o homem quer alguma coisa, ele procura implicitamente a sua felicidade pela posse do objeto, ao qual ele tende porque supõe que poderá conseguir. Como acontece quando a busca nas criaturas devido a um engano ou alucinação do momento.

Pelo que o desejo ou o amor, não é outra coisa se não um ato que se resulta

na conveniência real ou aparente entre o apetite sensitivo ou o intelectual e o objeto que o despertou; o qual segundo que é ou não consentâneo à natureza racional, poderá ou não fazer feliz o homem.

Se este ato for praticado sem que haja nenhuma modificação dos órgãos sensitivos, teremos o amor propriamente dito, que adquirimos pela inteligência e o coração, porquanto sua apreensão pelos sentidos forma uma condição necessária para se amar, nem os anjos nem os santos se amariam no céu.

Não obstante isto, o amor que nos vem pelos sentidos entra como parte integrante do amor natural máximo do amor conjugal. Porque o amor proveniente da inteligência e cultivado pela vontade intelectual sem que a vontade sensitiva tome parte, não é amor natural, se não espiritual ou angélico, principalmente tratando-se de nossas diferentes uniões pelos vínculos de matrimônio.

Mas se não obstante isto, o amor produzir alguma modificação nos órgãos sensitivos, é porque como vemos, o amor humano ou natural, é constituído por dois elementos que correspondem a duas substâncias de que compõe o homem e que como uma resultante, destas duas tendências vai-se manifestar na unidade da personalidade humana.

Capítulo III - Sobre as leis que regem os fenômenos da vida de emoção

Se não fora o instinto desordenado da procriação; quando procurássemos entrar na posse do objeto amado, como ainda hoje sucede com o amor inicial, bem pouco nos preocuparíamos com a segunda fase do amor natural. Porque como seres racionais, sentiríamos mais atraídos pelo que diretamente é capaz de impressionar a inteligência e o coração. E se o estímulo da concupiscência não se envolvesse nos atos do amor inicial, o prazer que, então procuraríamos e experimentaríamos, quando entrássemos na posse material do objeto de nossas complacências, seria como um eco ou ressonância espiritual destas duas substâncias, alma e corpo, postas em místico sincronismo pela posse habitual da graça santificante e dos carismas adjacentes, com os quais, criando Deus o homem o [exortara].

Porque, antes da culpa original, o homem amando as criaturas não perdia jamais de vista a Deus; porquanto além de não existir o fervor da concupiscência, Deus habituava nele pela sua graça e os dons sobrenaturais extraordinários em virtude dos

quais ele pressentia a sua presença de uma maneira experimental ainda que espiritual. Além disto, a posse integral do objeto amado, ainda mesmo nas condições mais favoráveis e desejáveis, apresentar-se-á a semelhança de um misto de alegrias, e de tristezas porque na posse do objeto sentiremos em nossas almas, um profundo vácuo que o amor humano por mais perfeito e ardente, não poderá jamais preenchê-lo. E sem vida, este desengano que tem levado muitas almas angélicas a procurar no amor para com Deus, esse gozo e felicidade que em vão muitas procuraram no amor às criaturas. E não sem razão, porque depois da culpa original, com mais veemência do que outrora tendemos ao objeto de nossas complacências. Porque se nossos primeiros pais não tivessem pecado, o “móvel” de nossas aflições, seria o puro amor; hoje, porém, ele não é mais o puro amor, senão o amor e a dor, revestida com o manto do amor outrora tão glorioso. Hoje, a dor engendra o amor e o amor a dor; porque para quem ama verdadeiramente amor e dor são sinônimos.

Outrora, porém, o amor engendrava o gáudio e o gáudio, o amor. Pelo que, quando o homem amasse, seria levado pelo puro amor, porque então, a dor não existia, nem podia existir; porquanto criara Deus ao homem impassível e imortal. Pelo que, confirmado Adão no estado em que Deus o criara, remontaria as Alturas sem passar nem pela dor nem pela morte.

Hoje, porém, quando amamos as criaturas porque destituídos daqueles dons, perdemos facilmente de vista a Deus; pois muito embora ele habite em nos pela graça e os dons do Espírito Santo; só temos conhecimento e consciência disto pelo sentimento da fé.

Capítulo IV - Tendência da vontade

A vontade pode inclinar-se a um dado objeto, porque o ama ou simplesmente, porque lhe agrada; ou finalmente, porque tem simpatia para com ele.

Ora, a simpatia conquanto exprima um pendor mais elevado do que aquele que experimentamos quando afirmamos que alguma coisa nos agrada; todavia, está muito longe do sentimento do amor propriamente dito, ainda que possa converter-se em amor.

E eis aqui a razão porque uma pessoa pode ter simpatia para com outra pessoa, sem que, não obstante isto, se sinta inclinada a amá-la.

Há casos, porém, em que, uma parte, tomando como manifestações de afeto, as retribuições de uma simples simpatia chega a apaixonar-se com grande pesar da outra parte; porque conquanto simpatize com ela; não obstante isto, não se sente inclinada a amá-la.

Quando a vontade tende a um objeto que lhe agrada, ela o faz só pelo prazer material ou espiritual que experimenta. Quando porém tende por amor, é porque não só lhe agrada e sente simpatia para com ele, mas também, porque a impressiona e emociona pelos sentidos ou pela inteligência.

Ora, esta tendência pode ser instintiva ou eletiva. No primeiro caso, o homem opera como qualquer animal, mas no segundo caso, ele agirá como um ser racional. E é em consequência deste modo de tender que ele se diferencia do irracional e se assemelha aos anjos. Portanto, para que haja amor natural é necessário que o homem tenda, não só pela inteligência, mas ainda pelos sentidos tratando-se principalmente de pessoas de sexos diferentes. Pois se o homem amar com exclusão de uma destas tendências, ele poderá amar como anjo ou animal; porém, jamais como homem.

Em segundo lugar, para que haja amor propriamente dito, é necessário que o objeto amado possa retribuir; sem o que não poderá haver afeição; pois ninguém dirá, neste caso, que ama, a não ser em um sentido lato ou figurado, como sucede quando dizemos que amamos a caça ou o esplendor da aurora.

Por último é preciso termos em mente, que se amamos ou nos sentimos inclinados a amar as criaturas, é porque por um instinto divino, embora implícito, nos inclinamos de um novo irresistível, a amar primeiramente a Deus, visto ele se revelar à nossa inteligência como um ser universal infinitamente amável e perfeitíssimo. Assim é que se não nos assistia este sentimento inato, ou não amaríamos, ou amaríamos como os seres irracionais.

Capítulo V - Sobre o amor natural

O homem amando pode ser ou não afetado em seu físico pelos objetos que o impressionam. No primeiro caso, ele amará como um homem e no segundo como se fora um anjo.

Há ocasiões, porém, que ele chega a amar como se fora um animal irracional, levado pelo amor instintivo, sem refletir nas conveniências ou desconveniências

nem do amor nem do amor natural.

Daí as três espécies de afetos: o angélico, o humano ou natural e o instintivo comum como o que experimentam os seres irracionais. Destas três espécies de afetos, só as duas primeiras merecem o nome de amor propriamente falando. A última, como dissemos, dá-se também o nome de amor, porque, como os dois primeiros ele tende à união, conquanto instintiva e material.

Ora é certo que se Adão não tivesse pecado, o homem ignoraria os efeitos do amor instintivo desordenado; porque antes da culpa de origem, o amor instintivo era um subsidiário ou fâmulos do amor espiritual e racional do homem superior, a quem ele obedecia espontaneamente, sem oferecer como hoje a mínima resistência porque, então não podia agir absolutamente por conta própria.

Circunstância esta, a qual removía toda e qualquer possibilidade de ele se negar às determinações positivas e negativas do seu senhor e mestre, para seguir, como hoje, as suas inclinações, muitas vezes contrárias aos ditames da razão.

Capítulo VI - Transição do amor espiritual para o natural

Quando do universal se passa para o particular, pelo que se aprende de estético e amável nas criaturas, o indivíduo se expõe, ainda mesmo sem pensar, a deixar-se influenciar pelos atrativos materiais em si considerados e pelas impressões que, por ventura, as criaturas podem exercer sobre os seus sentidos.

Estas tendências, então, irão associar-se ou se adicionar como partes integrantes do amor humano ou natural, como último termo ou complemento do amor conjugal. Antes da culpa de origem, sem a atração material do sexo pelo sexo e pelo que ele possui e é capaz de impressionar os nossos sentidos como hoje; o amor podia existir e subsistir, só pela posse do objeto amado adquirida pela inteligência e o coração, como de fato se verificava com os nossos primeiros pais antes que eles prevaricassem, e como ainda hoje se verifica com as pessoas que se amam por um motivo sobrenatural apesar de unidas pelos vínculos da matrimônio.

Capítulo VII - Transição do amor natural para o instintivo

Assim como, pelo amor que vem da inteligência, semelhante ao dos anjos, o homem pode deixar-se levar, como de fato se deixa levar pelo que pode haver, em um

mesmo objeto, de imaterial e capaz de impressionar sua inteligência, assim também é possível que com o volver dos tempos, e por um processo inverso ele se deixe levar pelos atrativos materiais que esse mesmo objeto encerra em si e é capaz de impressionar ao homem animal, e de tal forma que, pela intensidade sempre crescente, venha a nivelar-se com os seres irracionais, procurando entrar na posse desse objeto unicamente ou principalmente pelo prazer material de o possuir.

E esta inversão ou mutilação do fim primário do matrimônio tornou-se tão comum em nossos tempos, que logo após alguns dias de mútua convivência, não são raros os casos em que, ainda mesmo aqueles unidos pelos vínculos de matrimônio, seguirão um rumo oposto ou lançarão mão de meios para se oporem ao fim principal do matrimônio.

E aí tendes a gênese do amor instintivo ou carnal e a explicação para tantos feitos aparentes inexplicáveis e que tanto depõem contra a dignidade da mulher e a profanação do santuário da família.

Capítulo VIII - Sobre o amor instintivo

O amor instintivo ou natural é aquele vago sentimento que envolve uma necessidade de amar e ser amado, sem que, não obstante isto, haja um objeto determinado e real, que solicite o indivíduo a amar. E é este sentimento que, com o volver dos tempos, pouco a pouco, irá se esclarecendo e definindo cada vez mais, sob formas muito ideais e cheias de indefiníveis emoções, até que enfrentando com o objeto que parece concretizar o seu ideal, o indivíduo sentir-se-á atraído por ele de uma maneira quase irresistível. É o amor humano ou natural na sua primeira fase, que mais tarde, entrando em sua segunda fase redundará no físico.

Na primeira fase predomina o amor ideal, muito embora tenha sido apreendido sob formas materiais, através das quais o estético e imaterial, que no fundo oferecem a mesma analogia que há entre os sentidos máximos do paladar com relação aquelas qualidades sensíveis que, apesar de não comerem nem beberem, contudo servem para despertar e aguçar o apetite.

As almas cândidas e inocentes, ao entrarem na puberdade, devem estar prevenidas contra as ciladas destes vagos sentimentos e aspirações do amor natural e instintivo que, em última análise, não são outra coisa, senão as precursoras

manifestações dos nobres sentimentos da procriação revestidas das fulgurantes galas do amor espiritual, que por isto mesmo estabelece uma imensa diferença entre o amor natural e instintivo do ser racional e do irracional.

Antes da culpa de origem, estas manifestações não indicavam uma necessidade material, porém racional ou espiritual, que coincidindo com a necessidade intrínseca de amar a Deus; quando o coração do homem se abriu como as flores, aos primeiros raios do sol ardente do amor às criaturas, seria um hino de pureza e inocência entoado ao Criador.

Capítulo IX - Diferença entre o amor instintivo do homem e do animal

Tanto o animal racional como o irracional, atraídos pelo sexo diferente, tendem a ele; porém de uma maneira inteiramente oposta; porque o animal irracional se sente inclinado ao sexo diferente, de um modo instintivo e material em toda a extensão da pala(sic) e sem o mínimo conhecimento de causa pois, ele tende ao objeto que o atraiu impelido por uma necessidade que é para ele uma lei fatal.

Não acontece assim com o homem conquanto decaído do primitivo estado de graça original; porque ainda mesmo que ele possa tender pelo estético e o ideal que aprende sob as formas materiais ou a diferença de sexo, ele o faz orientado pela inteligência, com liberdade da ação e eleição, sem que seja como o animal irracional, levado por uma lei fatal e instintiva. Há, portanto, entre o instinto do animal e do racional uma notável diferença, conquanto, em parte, se assemelhem, isto é, com relação ao fim pelo qual, tanto ao homem quando ao animal, foi-lhes concedido este instinto.

Capítulo IX - Sobre o amor conjugal

Não obstante as tristes conseqüências que a culpa de origem acarretou ao amor natural do homem em relação principalmente ao sexo oposto; é possível, ainda assim, amar-se sem que; não obstante isto, o amor vinha a degenerar, convertendo-se em amor instintivo ou carnal. Porque, conquanto se comece a amar, muitas vezes, pelas qualidades que se descobrem pelos sentidos, no objeto ao qual tendemos, ou que ele revela de imaterial; é possível que, com o tempo, por um sentimento natural, se venha a

amar também a substâncias que serve de suporte a estas qualidades imateriais que nos impressionaram.

Por este motivo Isaac tocando as vestes de Esaú e sentindo o perfume agreste que elas exalavam, e a pelosidade de suas mãos, exulta e abençoa, supondo ter presente o seu querido Esaú.

E é por este mesmo motivo que aqueles que se amam guardam com carinho e osculam os objetos que pertenceram às pessoas por eles amados ou que foram amados. Assim também sucede com as pessoas que, com sua aparência exterior, despertam ou despertaram em nossa mente, qualidades imateriais as quais nos inclinam ou inclinaram a amá-las de preferência.

E não há nisto nada de ilícito ou reprovável, a não ser que venha a amar mais a substância em si pelas impressões materiais que experimentamos contemplando-as. No que está precisamente o mal; porque neste caso, se abdicaria do amor humano ou natural, pelo amor instintivo ou carnal, reduzindo-se a criatura racional, por este mesmo fato às condições dos seres irracionais.

Capítulo X - O amor propriamente falando não cogita no sexo

O amor, sob qualquer forma que o consideremos, não cogita no sexo pelo sexo, muito embora possa ser atraído pelo sexo, como de fato é atraído.

E esta atração, não só depois da culpa de origem, começou a manifestar-se; mas também se manifestava antes que nossos primeiros pais tivessem prevaricado; com esta diferença porém, que a inclinação para com o sexo oposto, que se manifestava antes da culpa original, era como uma conseqüência do amor espiritual, porquanto haveria sido Deus o qual, depois de haver criado a primeira mulher a deu como esposa a Adão.

A inclinação, porém, que o homem começou a experimentar para com o sexo oposto, é uma criação do pecado, e, por conseguinte, oposta à primitiva, cujo objetivo, é o prazer instintivo e material semelhante ao dos animais. Assim é que, antes da culpa de origem, era o amor pelo amor; porém depois da culpa, a este amor ordenado, veio associar-se o desejo desordenado como uma triste conseqüência da prevaricação dos nossos primeiros pais.

É esse amor com o qual sonham as almas angélicas, movidas pelo amor inicial, semelhante ao dos anjos para aqueles que já se possuem pela inteligência e o

coração, ainda hoje para muitos, constitui o seu ideal supremo e que alguns procuraram realizá-lo pelos vínculos do matrimônio, conservando-se de mútuo acordo e por motivos sobrenaturais, puros e imaculados, é uma prova evidente de que se pode amar e ser retribuído movido tão somente pela primitiva atração do sexo, sem se cogitar na atração posterior à culpa de origem. Assim procedera o filho de Tobias com revelação a Sara, e foi por este motivo que, ao se aproximarem, mereceram as bênçãos do céu. Porquanto não eram movidos materialmente pelo sexo; senão espiritualmente e em cumprimento de um preceito divino.

Daqui deduzimos que se o amor tem por objeto as criaturas, não como fim, senão como meio para atingir a um fim particular e por motivos sobrenaturais; é possível amar-se sem que se cogite no sexo pelo sexo; muito embora, em consequência da culpa original, possa experimentar-se a atração engendrada pelo pecado de Adão, além da primitiva, pura e imaculada criada pela graça.

Mas se não se exclui positivamente a posse material, humanamente falando, é impossível não se experimentar a atração posterior à culpa original, e ainda mais, resistisse a ela sem uma graça especial de Deus.

Pela educação, o traquejo social e a pureza da alma e de costumes poder-se-á, até certo ponto, máximo, durante o tempo do noivado, tender-se pela inteligência e o coração, com tanto que se guardem as conveniências, não só sociais, mas principalmente as religiosas, sobretudo com relação a certas manifestações de afeto que, conquanto sejam em se lícitas, podem, não obstante isto, ter um reflexo no físico, por causa da intensidade da afeição, do temperamento de uma das partes ou devido, muitas vezes, às circunstâncias imprevistas.

Assim é que resumindo o que até aqui temos dito, segue-se que a diferença de sexo, conquanto possa influir, como de fato influi, sobre o amor natural; com tudo, não constitui uma condição essencial para que possa existir o amor natural; mas sim, para a existência do amor conjugal.

Capítulo IX - Sobre o amor platônico

Pelo que dissemos no capítulo precedente, deduzimos que todo e qualquer afeto, entre pessoas de sexos diferentes e que aspiram unir-se pelos vínculos do matrimônio, com o firme propósito de não usarem seus direitos, confiados exclusivamente

na intensidade e pureza do seu mútuo afeto se expõe a muitos perigos e inconveniências. Porque a posse pelos sentidos depois de já se possuírem pela inteligência e o coração, é uma conseqüência natural do amor humano entre pessoas de sexo diferentes. Pelo que, renunciar, neste caso, aos direitos que lhes assistem e prejudicar-se mutuamente ou quando menos a outra parte. A não ser que esta, ou uma e outra, sejam criaturas anormais. Tratando-se, porém, de pessoas que têm aptidão para os atos matrimoniais, e se casem, não obstante isto, o com o firme propósito de se conservarem como anjos, sem um motivo sobrenatural, devemos classificá-los entre os que nutrem um amor platônico.

Ora, todo indivíduo que chega a casar-se levado por este amor, não passa senão de uma vítima de um amor mórbido; cujas conseqüências podem ser fatais, transformando-se, com o tempo em uma das modalidades da perversão dos mais nobres sentimentos. A não ser que passada esta cruel neurose, venha a convencer-se da impossibilidade de permanecer neste estado normal, e procure nobilitar e santificar o seu afeto, contribuindo para propagação e conservação da espécie humana.

Bem sei, que fins muito elevados e sobrenaturais e de mútuo acordo, tem havido pessoas que apesar de casadas e de viverem debaixo de um mesmo teto, se conservaram como anjos. Mas estes casos são tão raros, que em geral só encontramos na vida dos Santos. Porque uma tal resolução pode ser inspirada pelo amor inicial, principalmente entre pessoas que se amam com um amor não vulgar; o qual, não obstante isto, após a posse do objeto pela inteligência e o coração, há de naturalmente optar pelo matrimônio no intuito de entrar na posse do mesmo objeto pelos sentidos, o qual constitui um dos elementos do amor entre as pessoas do sexo diferentes.

Capítulo X - Ilusão dos que buscam felicidade no matrimônio

O ideal de felicidade com o qual sonham as pessoas que se amam e que se supõe que o poderão realizar no matrimônio, não passa senão de uma doce ilusão, que mais tarde talvez venha a converter-se em uma triste realidade.

E que o digam aqueles que outrora afagavam esta esperança, e que, hoje, unidos pelos vínculos do matrimônio, entraram no mundo da realidade. E assim devia ser, porque por mais puro e cheio de benevolência que seja o afeto que dos que optaram pelo matrimônio com o fim de realizarem o seu ideal de felicidade o mais perfeito; não podia absolutamente garantir-lhes esta felicidade tão almejada; porque só em Deus a podemos

conseguir e a procuramos, implicitamente, nas criaturas que sendo na sua natureza imperfeitas, por mais perfeitas que o sejam, nunca poderão satisfazer a universalidade de nossas tendências e aspirações.

O matrimônio, portanto, entre pessoas que se amam verdadeiramente, poderá constituir um fim particular do qual lança mão os já se possuem pela inteligência e o coração, tendo em vista a sua felicidade relativa; porém nunca a felicidade absoluta, a qual só podemos encontrar em Deus, qualquer que seja o estado que nós resolvamos abraçar.

Ora para realizarmos este nosso ideal supremo e sobrenatural no matrimônio, é que optemos pelo matrimônio, como para um fim secundário ou meio adequado para atingirmos o nosso ideal divino. E neste caso, não só antes do matrimônio, mas, ainda no matrimônio, é necessário que se proceda de conformidade com os deveres deste estado. Porque do contrário, se incorreria um erro ainda maior daquele que incorreram os que escolheram o estado matrimonial, como meio para realizarem os seus sonhos de felicidade o mais perfeito ainda que relativa.

Capítulo - Um engano remediável

Para quem é capaz de viver como anjo, por motivos sobrenaturais, a vida tornar-se-á para ele uma realidade. Porque, além de encarar as coisas tal qual como elas são, aviar-se-á pelos caminhos mais seguros e acertados, não só para remontar às alturas celestiais; mas ainda para gozar aqui sobre a terra das prerrogativas das almas puras.

E estou bem certo que muitas destas almas, que se encontram entre os casados, teriam optado por estas sendas se de antemão pudessem conhecer o engano em que viviam, pensando que, no amor às criaturas, poderiam realizar o seu ideal de felicidade. Almas por natureza angélicas que quando na idade das afeições, como que se desdobrando, através dos apanágios da pureza se transfiguravam, como tantos serafins, diante de tudo aquilo que as emocionava e ainda, com mais razão, ante os atrativos das criaturas racionais que lhes retribuía com igual afeto, parecia-lhes, então que aquilo que elas só poderiam encontrar em Deus, havia encontrado nas criaturas.

E eis aí a razão porque, deste então, tenderam com todas as forças de suas almas angélicas, na esperança de que, pela posse definitiva e completa do objeto de suas

ternas e imaculadas complacências, conseguiriam o seu ideal. Porém, bem [perto] da posse do seu ideal, pelo matrimônio, a crua realidade se manifestou e foi só, então, que elas reconheceram o seu engano; porém, já tarde.

Diante das lacunas que o amor às criaturas vai deixar no coração destas vítimas e das dificuldades para corresponderem às exigências do amor conjugal, elas, por prolongadas horas, semanais e meses, gemeram sob a pressão da dor, sobre tudo quando, após haverem conhecido o seu papel, receberam o diadema da maternidade. No fruto, porém, de suas entranhas encontraram um lenitivo às suas mágoas; porque há no amor materno, alguma coisa que faz lembrar aquele primitivo amor com o qual eles sonhavam, quando, amando as criaturas, estavam persuadidas que o poderiam encontrar.

E é precisamente esta nova fase da vida do amor conjugal, que de alguma maneira faz com que estas almas participem do gáudio e das inspirações do amor virginal, quando transportadas pelo amor às criaturas, o sacrificaram pelo amor conjugal na doce esperança de poderem realizar o seu ideal angélico de felicidade.

Capítulo XI - Uma ilusão amorosa

Ama-se pelos sentidos e ama-se também pela inteligência e o coração. Mas porque se está mais em contato com os objetos que podem afetar os sentidos, prefere-se amar mais pelo que nos revelam os sentidos do que pelos conhecimentos que nos vêm pela inteligência. E se amando de uma ou outra forma, pudéssemos optar indiferentemente com exclusão de um destes dois afetos ou tendências; amaríamos como se amavam nossos primeiros pais, antes da culpa de origem, dando preferência ao amor que nos vem pela inteligência e o coração. Porque há em cada um de nós um sentimento que se revela no amor inicial, o qual nos diz que deveríamos amar como os anjos. Porque o amor que adquirimos pelos sentidos, perturba até certo ponto na presente economia, o nosso afeto espiritual materializando-o.

Hoje, porém, tentaríamos em vão realizar este nosso ideal que é como um eco longínquo dos dias paradisíacos em que o homem exercia sobre si um domínio absoluto. Então a posse do objeto amado, não traduzia uma exigência da carne do pecado, como hoje, senão de um preceito, sugerido pela primitiva imaculada e abençoada por Deus.

Capítulo XII - Sobre as manifestações afetuosas

O amor, quando de posse do objeto amado pela inteligência e o coração, deseja e procura o aconchego honesto, pelo gozo sensível que vem como que se adicionar ao espiritual; porque é através desta fase do amor natural bem ordenado, que as pessoas que se amam, reconhecem que amam e são amadas.

E se este aconchego afetuosos, entre pessoas de sexo diferente, como sucede na infância, não necessitasse outras sensações a não ser as que se experimentam nessa quadra da vida, os que se amassem, poria todo o seu ideal de felicidade nestas manifestações de afeto, na impossibilidade de obter o aconchego ou fusão de suas almas.

Infelizmente, como consequência da culpa original, outros sentimentos com o volver dos tempos, hão de se manifestar, como um correlativo inevitável do amor espiritual e que constitui um dos elementos do amor conjugal. Pelo que é necessário que aqueles que já se possuem pela inteligência e o coração, limitem estas manifestações exteriores, ainda que lícitas, quando a sua duração, extensão e multiplicação sempre crescente, reservando-as para quando, pelo matrimônio entrarem na posse um do outro pelos sentidos, em virtude principalmente de um preceito divino e não já como aqueles sete maridos de Sara trucidados antes de a conhecerem.

